

Uma Vida na Linha



Isa Musa de Noronha

À minha mãe Nilva Musa de Noronha, por todas as mais belas histórias da nossa Rede Mineira de Viação, ao meu pai Julio Viotti de Noronha por seus “causos incríveis”, aos meus irmãos, tio José Afonso, Tias Afonsina, Justina, Isa e Helena, à prima Margarida pelas memórias e fotos, dedico este trabalho. Afinal, essas lembranças escritas pelo Vovô Musa pertencem de fato a todos eles



Musa: Cópia de Justina Musa, a partir de uma caricatura de Durval de Almeida



Esta foto da 213 é cortesia da Prefeitura Municipal de Três Corações MG. Está preservada na antiga estação daquela cidade onde, por muitos anos, Antônio Musa foi Chefe do Movimento.

Na capa do manuscrito do Vovô Musa, nossa avó, Evelina, escreveu:

“Seu avô, ao escrever as passagens que marcaram sua vida ferroviária, jamais poderia supor que, um dia, suas anotações iriam servir de presente para seus netos. Peço-lhes que leiam com atenção e vejam que, se ele venceu, foi porque amou, lutou e sofreu por sua RMV.

Sigam seu exemplo.

Com minha benção e meu carinho.

Da vó.

Evelina,

Três Corações, 01.01.1988”



Nota

Nasci à margem da linha, filha, neta e sobrinha de ferroviários. Durante toda a minha infância e parte da juventude a estrada de ferro foi uma constante em meus dias. Talvez, se tivesse continuado a residir em Três Corações, Sul de Minas, talvez também eu tivesse seguido a tradição familiar e fosse trabalhar na Rede Mineira de Viação. O destino traçou para mim outros rumos, mas eu nunca me distanciei do leito da ferrovia.

Todos nós da família possuímos um exemplar das memórias manuscritas do vovô Musa. Há tempos algo vem me motivando a trabalhar sobre todo seu maravilhoso relato e assim, juntando fotos, histórias, arquivos de colegas ferroviários conhecidos e desconhecidos (graças a internet ficaram próximos) aqui está esse pequeno grande livro: uma sincera e calorosa homenagem ao meu avô e a todos aqueles que viveram, como ele, “uma vida na linha”. Procurei ser fiel ao manuscrito, apanhando às vezes da letra, das expressões antigas e de alguma terminologia técnica. Nesse ponto devo à mamãe, ao meu irmão Antonio Luiz e, principalmente às Tias Afonsina, Justina, Helena e Tio José Afonso, os esclarecimentos perfeitos. Acrescentei dados históricos acerca da vida ferroviária, narrei fatos que sei de ouvir contar, mas

todas as passagens são verídicas; contei casos que nos foram contados pelo Musa e espero que, com este livro, alguém possa contá-los às gerações futuras.

Estes são acontecimentos que não se repetirão. Desafortunadamente o governo brasileiro deixou morrer a ferrovia e condenou ao descaso aquela forma segura, bucólica e econômica de viajar. Talvez por pressão das grandes empresas de transporte rodoviário, talvez por força do poder econômico das grandes construtoras... E quem sabe? Por falta de brasilidade ou de cultura. A ferrovia como transporte de passageiros limita-se hoje a poucas linhas turísticas. Muito pouco pelo muito que representou no passado.

Resta-nos um vazio imenso em nossos corações. Fica um vazio em nossos ouvidos, saudosos de ouvir o apito de uma Maria Fumaça.

Isa Musa de Noronha

Memórias de Antonio Musa

“Peço-lhes que leiam com atenção e vejam que, se ele venceu, foi porque amou, lutou e sofreu por sua RMV.”

Uma vida na linha

“Iniciei minha vida ferroviária na Companhia Viação Férrea Sapucahy, na Estação de Caxambu como *praticante gratuito* em 14 de abril de 1903.”



Estação de Caxambu, foto cedida por Afonsina Musa

Assim Antonio Musa dá início às suas memórias. Antonio Musa nasceu a 31 de dezembro de 1889. Filho de José Silvério Pereira e Francisca de Souza Villela Pereira. Faleceu em 14 de maio de 1979.



A ferrovia foi aberta em 1887 e partia da Estrada de Ferro Minas Rio, de Soledade-MG, até Itajubá. No ano de 1897 a linha chegou até Sapucahy, em São Paulo. A Cia. Viação Férrea Sapucahy foi incorporada pela Rede Sul Mineira em 1910, à Rede Mineira de Viação, em 1931 e finalmente à RFFSA em 1971.

"A sociedade anônima, estrada de Ferro Sapucaí tinha por fim a construção, uso e gozo da ferrovia que, partindo do ponto mais conveniente da ferrovia "Minas e Rio" e terminasse nos limites da Província de Minas Gerais com a de São Paulo, no município de Ouro Fino, nos termos do contrato assinados pelos

engenheiros Carlos Euler Júnior e Raimundo de Castro Maia com o governador de Minas, em 12 de outubro de 1887 e de conformidade com as leis nº s 3.384 e 3.419, de 15 de julho de 1889 e 29 de agosto de 1887". (texto extraído de Livro de Atas sobre a ferrovia - Sessão realizada no dia 15 de março de 1888, sob a presidência do senador Antônio Cândido da Cruz Machado).

Vamos à história:

A primeira ferrovia brasileira nasceu em 1854 no Rio de Janeiro, por iniciativa de Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá. Minas teve a sua primeira ferrovia em 27 de junho de 1869. A Estrada de Ferro D. Pedro II que depois passou a ser denominada Estrada de Ferro Central do Brasil atingiu a localidade mineira de Chiador, nas proximidades de Além Paraíba. No ano de 1872 foi inaugurada a Estrada de Ferro Leopoldina ligando Porto Novo a Cataguazes, com ramal para a cidade de Leopoldina. No ano de 1881, a 28 de agosto, Sua Majestade o Imperador D. Pedro II, acompanhado da Imperatriz Maria Leopoldina e dos Ministros da Marinha e da